

Daqui para frente, ou seremos éticos, ou simplesmente não seremos

João Roberto Barros II

joaofilosofo@hotmail.com

Doutorando, Bolsista PROSUP/CAPES, em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

É com o título acima que o prof. Dr. José Nedel fecha seu livro *Ética e discurso*. E é com essa mesma frase que anuncia-se esta resenha para expressar melhor a intenção do autor ao longo de seu texto.

Ao longo do estudo é possível perceber um caminho traçado para dar um panorama do conhecimento filosófico que temos hoje, notadamente as concordâncias e discordâncias entre alguns defensores da ética do discurso e outros defensores da retomada da clássica ética tomista.

A primeira parte do texto é dedicada à explanação da ética de Kant e à ética do discurso de Apel e Habermas. No que concerne à ética kantiana, o homem é colocado como sujeito e instância doadora de sentido às coisas; princípio e fonte de inteligibilidade de tudo. A pergunta fundamental é sobre a validade dos procedimentos da razão para se chegar ao conhecimento de algo. A grande armadilha desse método reducionista é passar a considerar a métrica da razão a única para se chegar ao conhecimento do mundo.

Fato é que se considerarmos a metafísica da subjetividade como única alternativa continuaremos caminhando para um apocalipse ecológico. Assim, a ética kantiana, pautada pelo imperativo categórico, não pode ser considerada para este mundo. O imperativo categórico tomado em seu conteúdo proposicional *standard*, não é talhado para uma comunidade intramundana, mas para uma comunidade inteligível de seres racionais como membros do reino dos fins. Estamos falando de pura deontologia, sem nenhum apego às conseqüências das ações.

No passo seguinte, a reviravolta lingüística e pragmática entra em cena, na figura de Frege e do segundo Wittgenstein. Aqui, a linguagem precede o pensamento e o estudo dos enunciados está intimamente ligado à fundamentação e ao sentido das proposições científicas. Contudo, temos um diferencial importante no que tange ao legado kantiano: pensa-se a linguagem a partir de seu uso prático, ou seja, de seu horizonte social, em contraposição ao solipsismo do indivíduo ajuizante. Tendo esse horizonte como perspectiva, a filosofia transcendental de Kant é superada no que diz respeito ao seu solipsismo metódico.

Os capítulos IV, V e VI são dedicados à ética do discurso. O autor enumera as principais características dessa posição teórica: cognitivismo, procedimentalismo, universalismo e deontologismo. Passado esse ponto, vemos uma abordagem da teoria pragmática transcendental de Apel e, posteriormente, da pragmática universal de Habermas; ambos situados na esteira do pensamento kantiano.

A pragmática transcendental é exposta como uma destranscendentalização do eu kantiano. O conhecimento passa a ser uma relação também entre sujeitos e não apenas sujeito/objeto. O "eu penso" é substituído pelo "nós argumentamos"; é a intersubjetividade posta no centro da argumentação.

Apel nega a cisão entre razão teórica e razão prática feita por Kant, mas vê ainda a necessidade de conceber uma comunidade ideal de argumentadores que dá sentido à comunidade real de comunicação. Em nosso entender, Apel continua incorrendo no mesmo erro de Kant ao fazer essa distinção, que pode ser equiparada à distinção entre númeno e fenômeno, razão pura e razão prática, etc.; distinções essas que trazem um ônus quando pensamos a relação homem/natureza. Um abismo é mantido aqui. Abismo próprio da modernidade racionalista. Esse ponto o autor não ressaltava e não explora, mas julgamos que seja importante para seus intentos nessa obra, que é apontar para uma bioética que leva em conta a ação do homem sobre a natureza.

Tratando agora de Habermas, que pode ser considerado um autor-chave para compreender todos os precedentes discutidos até aqui nessa obra, a moralidade é conquistada por meio da atividade comunicativa, que leva os sujeitos ao entendimento. O princípio da racionalidade comunicativa anuncia o reino ético e fornece o paradigma da moralidade preocupada em proceder por intermédio de reciprocidade e ausência de violência. A ação comunicativa é um processo de obtenção de acordos a partir da apresentação de bons argumentos. A universalidade não mais é alcançada pelo sujeito moral isolado. É necessária a intersubjetividade. A verdade agora é fruto de um consenso. O procedimento da argumentação substitui o imperativo categórico de Kant, deduzido da filosofia da linguagem por critérios pragmático-universais.

A teoria da ação comunicativa tem a finalidade de concluir o projeto iluminista de emancipação da humanidade. E uma faceta importante dessa finalidade é a erradicação da violência. Por mais que o prof. Nedel ressalte que a ética discursiva torna difícil a sobrevivência das subculturas (p. 89), julgamos importante ressaltar que essa teoria nasce no período pós-Segunda Guerra Mundial e visa justamente a erradicar a violência na fundamentação do bem agir. Nesse período a humanidade assistiu ao ataque a minorias que estavam desprotegidas pelos mecanismos do Direito. Fazemos essa alusão a tal situação de falta de tutela jurídica apoiando-nos na obra do próprio prof. Nedel, que prevê ser o costume local uma das formas de fundamentação jurídica. Se a ética do discurso realmente falha no reconhecimento das minorias, ela se torna incapaz de satisfazer uma necessidade primária de seu tempo. Porque, além do iminente esgotamento dos recursos naturais, também estamos carentes de um sistema ético de dê conta das diversas exigências contemporâneas.

No mais, o livro do prof. Nedel aborda três sistemas éticos que fazem um contraponto à ética de base racionalista. Hösle, Oliveira e Cirne-Lima apresentam alternativas da corrente metafísica para enxergar alternativas para um mundo à beira do caos ecológico, pois daqui para a frente ou seremos ecologicamente éticos ou simplesmente não seremos (p. 144). Contudo, falta-nos arcabouço teórico para abordar e criticar tais teorias.

Por fim, esta resenha foi também motivada pelo acontecimento do colóquio *Depois de Hegel*, sobre uma obra de mesmo título assinada pelo prof. Dr. Cirne Lima; obra de grande envergadura e que merece ser discutida. O conteúdo dessa obra é discutida pelo prof. Nedel no capítulo VIII de seu livro, ressaltando seus pontos positivos e suas limitações.

Referência

NEDEL, J. *Ética e discurso*. São Leopoldo, Nova Harmonia, 2006, 147 p.